

Relações Diplomáticas e Internacionais em Pandemias: Um Estudo sobre o Cenário Mundial durante a COVID-19

Johnatan Nunes Bettes, Fernanda Lazzari

RESUMO

A vida moderna, a globalização e as relações entre os países foram afetadas por um novo coronavírus (SARS-CoV-2 / Covid-19), podendo ser o evento mais consequente do início do século 21. O presente trabalho analisou os dados inerentes à saúde e às relações diplomáticas e internacionais no contexto do avanço da Covid-19. Para tal, o método de pesquisa aplicado foi misto: com caráter qualitativo, operacionalizado por meio de coleta de dados secundários; e quantitativo, com agrupamento e análise de tabelas e gráficos sobre o avanço da pandemia. Com o objetivo de interpretar conteúdos distintos, foi empregada a técnica de análise de conteúdo. Os resultados demonstram que o atraso da China em soar o alarme e a relutância inicial em permitir que especialistas da Organização Mundial da Saúde (OMS) entrassem no país, contribuiu para que a resposta global fosse desordenada e, em grande parte, descoordenada. A união diplomática entre os países durante a pandemia, não operou como se esperava, especialmente por parte da China e dos Estados Unidos, que em vez de cooperarem, atacaram lateralmente um ao outro.

Palavras-chave: Covid-19. Diplomacia. China. OMS.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização trouxe consigo uma crescente complexidade no que diz respeito à multiplicidade de aspectos e interesses demandados pelos Estados em uma sociedade internacional. Para tanto, fez-se necessária a criação de instituições que defendessem os interesses e direitos dos Estados de forma ampla e diplomática, estabelecendo um espaço de diálogo e enfrentamento entre eles, denominados organizações internacionais (SEITENFUS, 2018). Em um mundo onde existe interdependência econômica crescente, persevera a necessidade de criação de acordos internacionais para regular o mercado mundial e as diferenças entre os Estados, bem como a coordenação entre eles (OLIVERA JÚNIOR, 2005).

Em se falando de resolução de problemas em cenários críticos, a OMS ganha destaque. A organização teve sua origem a partir da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945. Um dos principais pontos discutidos nas reuniões diplomáticas para a criação da ONU foi o estabelecimento de uma organização global de saúde, surgindo, desta forma, a OMS em 1948. A organização tem por objetivo desenvolver ao máximo possível o nível de saúde de todos os povos, entendendo-se saúde por um estado de completo bem-estar físico, mental e social (OMS, 2020).

É importante ressaltar que, mesmo com a criação de organizações internacionais e normas diplomáticas estabelecidas, os conflitos entre países e territórios continuam existindo, o que exige uma atuação forte nas disputas políticas e controvérsias internacionais (SEITENFUS, 2018). Surge, desta forma, a importância de se entender as crises enfrentadas pelos países, que adquirem diferentes nomenclaturas na literatura, como situações atípicas, desastres, operações humanitárias, entre outros.

Os desastres são comumente associados às catástrofes naturais, tais como terremotos e furacões. Contudo, é preciso compreender que situações críticas envolvem também uma série de aspectos políticos, de saúde, emergências complexas, guerras e outros (KOVÁCS; SPENS,

2011). Em se tratando desses aspectos que podem levar à uma catástrofe, encontram-se inúmeras atividades que podem ser tratadas como desastres causados pelo homem (THOMAS; KOPCZAK, 2005). Dentre estes, pode-se citar os genocídios, as guerras, conflitos ou revoluções; atos terroristas; extrema pobreza, desnutrição e fome; e acidentes nucleares ou químicos; pandemias e epidemias. (KOVÁCS; SPENS, 2007, 2011).

No âmbito deste estudo, o foco recai sobre a pandemia de Sars-CoV-2, o novo corona vírus, identificado como agente etiológico da doença pelo corona vírus 2019 (Covid-19), que começou em Wuhan, na China, no final de 2019 e se espalhou por todo o mundo (TESINI, 2020). Para que se entendam as repercussões sobre as relações diplomáticas e internacionais advindas de uma pandemia, além dessa seção introdutória, serão apresentados o referencial teórico que embasa o uso da diplomacia nas Relações Internacionais, seguido pela metodologia a ser utilizada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DIPLOMÁTICAS

Robert Cooper (2003), um dos diplomatas eminentes da Europa disse a seguinte frase "No passado bastava uma nação cuidar de si mesma. Hoje, não é mais suficiente". Com o passar dos anos, o ambiente internacional tem demandado uma melhor compreensão nas ações a serem adotadas pelas nações. Aspectos e acontecimentos que ocorrem no mundo, tais como conflitos, cooperação internacional, o uso da diplomacia para resolução de conflitos, evoluções no diálogo, acirramento entre Estados e, outras questões, são áreas de pesquisa no âmbito das relações internacionais (KRASNER, 2009).

A Primeira Guerra Mundial desvelou o quão devastador pode ser a falta de colaboração entre grandes poderes. Crises econômicas, como a Grande Depressão nos Estados Unidos, evidenciaram que um único país pode enfraquecer as condições econômicas dos demais. A Segunda Guerra Mundial elucidou os perigos que os descontroles de grandes potências podem motivar. Diante de significativos acontecimentos, ainda no século XX, foram alçados os primeiros passos para a expansão da consciência acerca das Relações Internacionais em defesa dos valores sociais (JACKSON; SORENSEN, 2007).

Os Estados têm suas próprias incumbências almejadas acerca de suas políticas externas, buscam multiplicar suas ações para contribuir no seu desenvolvimento internacional, assim como no doméstico. Quando o Estado compreende o caminhar da dinâmica econômica, a maneira organizacional de controlar e comandar, também entende que todas as suas ações, vertentes etc., influenciam internacionalmente. Dessa forma, o que decorre externamente, igualmente repercute, por exemplo, na sociedade brasileira (PECEQUILO, 2004).

Um intercâmbio cultural acontece através da interação de valores econômicos, políticos, morais e culturais entre países, permitindo delinear a identidade, práticas políticas e, auxiliar na configuração comportamental de uma sociedade, diante de um processo que atinge as empresas, organizações, instituições, movimentos sociais e indivíduos de todos os países, sendo eles pobres ou ricos, integrando os vários campos diplomáticos, através da velocidade com a qual as transações econômicas, contextos comerciais e de capitais ocorrem, definindo-se como o presente fenômeno globalização (BARBOSA, 2010).

Tais vertentes e contatos fizeram com que o comportamento das sociedades se alterasse devido à complexidade dos movimentos externos que, independentemente de sua natureza, calma ou tumultuosa, as ações externas acarretavam efeitos na dinâmica doméstica de cada nação. Dessa forma, desatou a necessidade de um melhor entendimento acerca do desenvolvimento das sociedades mundiais, a sua conduta com outras nações e, um comprometimento motivado pelo interesse em saber se os fenômenos internos poderiam

ultrapassar suas fronteiras. Essa necessidade em compreender como administrar os processos externos, motivou uma disciplina exclusiva: as Relações Internacionais (PECEQUILO, 2004).

As relações internacionais constituem um ramo da ciência política e, à medida que uma sociedade global se desenvolve e se expande, continua a buscar uma nova maneira de vincular nosso mundo complexo como um todo (COHEN, 1999 apud KAMSARIS, 2020). As dimensões das relações internacionais relacionadas à paz e prosperidade internacionais incluem questões de refugiados, migração e direitos humanos, controle de armas, políticas de aliança, economia política internacional, política ambiental e diplomacia (CARLSON; COMSTOCK, 1986 apud KAMSARIS, 2020). Esse último aspecto será explorado com maior ênfase na próxima seção.

2.2 DIPLOMACIA

Em se falando de diplomacia, ela existe desde o início da raça humana. O ato de conduzir negociações entre duas pessoas ou duas nações em um amplo escopo é fundamental para a manutenção das questões internacionais. Entre as muitas funções da diplomacia, algumas incluem a prevenção de guerra e violência e o fortalecimento das relações entre duas nações. A diplomacia é muito importante para cumprir ordenações de uma agenda específica. Portanto, sem diplomacia, grande parte dos assuntos do mundo seriam rompidos, organizações internacionais não existiriam e, acima de tudo, o mundo estaria em constante estado de conflito. (KISSINGER, 1995). Segundo Satow (2009), a condução das relações diplomáticas é gerenciada por profissionais denominados como diplomatas. Os embaixadores e enviados devem ajustar de maneira sutil as relações internacionais entre os povos.

Cabe destacar que os diplomatas não são mais apenas membros de uma organização, como era no passado. Em vez de uma elite diplomática exclusiva, tem-se agora uma diversidade de profissionais que participam de várias capacidades na gestão das atuais relações internacionais. Alguns deles são diplomatas no sentido clássico, isto é, membros dos serviços diplomáticos profissionais de seus países. Outros são funcionários internacionais que trabalham no âmbito de organizações internacionais e, de regimes internacionais cada vez mais importantes. Outros sujeitos, de mundos distantes da diplomacia, são chamados para intervir em questões particulares. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), por exemplo, tem sido particularmente bem-sucedido em recrutar o envolvimento de personalidades do show business em seu trabalho humanitário (KURBALIJA, 1998).

Mesmo sem ter data exata de início para o uso efetivo da diplomacia, no Brasil, por exemplo, ela esteve presente desde a sua formação. O Tratado de Tordesilhas, que dividiu o Novo Mundo entre Portugal e Espanha, em 1494, foi resultado de negociações diplomáticas (KANTOR, 2007). Nas terras tupiniquins, a diplomacia chegou por volta de 1808, unida à chegada do Príncipe Regente D. João e a família real Portuguesa que, estavam escapando das guerras napoleônicas. Os mesmos trouxeram consigo diretrizes como a Secretaria de Assuntos do Estrangeiro que corresponde ao Ministério que trata das Relações Exteriores do Brasil (CARDOSO, 2008).

No Brasil, após a independência, a relevância dos diplomatas só aumentou. Tornou-se claro que o uso da diplomacia era capaz de resolver conflitos sem a necessidade de mãos armadas. Em razão disso, o Barão do Rio Branco (1845-1912) é visto até hoje como o grande nome da diplomacia nacional. Não por menos, o diplomata, entre seus muitos feitos, conseguiu resolver questões de fronteiras com os países vizinhos sem a imposição de violência. As transações realizadas por ele delimitaram o território brasileiro (ALMEIDA, 2010). O Barão acrescentou pacificamente cerca de 900 mil km² à superfície territorial brasileira (BURNS, 2003).

Rio Branco mostrou na questão do Acre – Bolívia que um diplomata realmente precisa

de muita habilidade para apaziguar situações conflituosas. A área correspondente ao conflito estava marcada por muitas tensões e enfrentamentos. No início do século XX, os seringueiros estavam revoltos, proclamando independência da região do Estado do Acre, àquela época pertencente à Bolívia (GOES FILHO, 2000). Mesmo parecendo que não haveria uma resolução pacífica, Rio Branco tomou as rédeas da situação, com perspicácia, alterou o entendimento nacional em relação ao Tratado de Ayacucho (1867) e originou uma nova condição ao condenar o arrendamento da região a um sindicato anglo-americano (GOES FILHO, 2000), resolvendo, então, de forma amigável, uma das questões territoriais brasileiras mais difíceis da história.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo objetiva explicar os conceitos a serem empregados para fundamentar o método de pesquisa adotado neste trabalho. O método de pesquisa aplicado é misto: qualitativo, respaldando-se por meios de coleta de dados secundários, e também quantitativos, portanto, um estudo quali-quantitativo.

A pesquisa qualitativa não procura expor os eventos um a um, bem como não os mensura, e sim, opera como um catalisador de bases descritivas que externam as vertentes dos fenômenos (NEVES, 1996). Já a pesquisa identificada pelo uso de quantificação, segundo Richardson (1989) é a quantitativa. Esse estudo dimensiona tanto a coleta de informações, quanto a abordagem desses dados por meio de técnicas estatísticas, procedendo desde as mais compreensíveis até as mais difíceis.

3.1 FONTES DE INFORMAÇÃO E COLETA DE DADOS

As principais fontes de pesquisa que contribuíram diretamente com o presente trabalho seguem abaixo em ordem aleatória:

- Google Acadêmico/Scholar; Portal de Periódicos CAPES/MEC; Scopus; - auxiliaram a encontrar boletins médicos e relatórios de situação de vários países, principalmente os mais afetados pela pandemia.
- World Health Organization (WHO) - a maior fonte de informação sobre a Covid-19. Foi utilizado para extrair informações sobre o avanço da pandemia no mundo através dos relatórios diários de situação postados sobre a Covid-19.
- BBC; ABC; The New York Times; Financial Times; The Washington Post; NPR; National Interest; NBC; DW; The Texas Tribune; Nikkei Asian Review – Cooperaram para que fosse possível criar uma linha do tempo com os pontos críticos desde o início do surto. Da mesma forma auxiliaram a mapear os efeitos nas relações diplomáticas e internacionais acerca da Covid-19.
- Twitter – Meio de comunicação que foi utilizado para encontrar declarações, entrevistas e pautas no contexto da Covid-19 de líderes mundiais, assessorias governamentais, organizações internacionais etc.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados do presente estudo será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo. Conforme Bardin (2004), a análise de conteúdo compreende os princípios de explanação, estruturação e expressão do conteúdo de mensagens, buscando efetivamente deduzi-las de forma lógica e justificada, do mesmo modo, objetiva desvelar a natureza dessas mensagens (origem, autores, contexto e os resultados que se pode obter através delas).

Segundo Berg (2004), a análise de conteúdo possui elementos suficientes para conseguir ótimos resultados, não só no método qualitativo, mas também no quantitativo. Em se tratando

de abordagem quantitativa, as tabelas analisadas, por exemplo, receberam um tratamento de agrupamento de dados e análises comparativas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

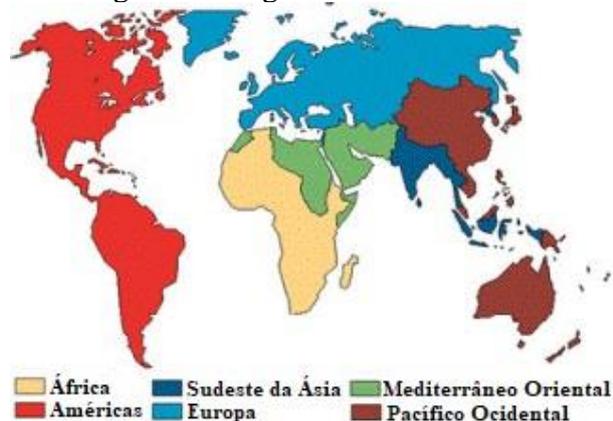
4.1 EVOLUÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19

No final de 2019, o escritório da OMS na China foi informado sobre uma doença respiratória de causa desconhecida, detectada na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. Muitos dos doentes haviam visitado um mercado de animais vivos em Wuhan, mas as autoridades afirmavam que não havia evidências de que o vírus se espalhasse de pessoa para pessoa. No dia 7 de janeiro, as autoridades chinesas identificaram que o surto era proveniente de uma doença respiratória incomum, inicialmente denominado por pneumonia, causado por infecção de um novo coronavírus. O novo vírus foi inicialmente nomeado 2019-nCoV pela OMS (MCKIBBIN; FERNANDO, 2020; WHO, 2020; ZHU et al., 2020).

É válido ressaltar que por várias semanas em janeiro, a China resistiu aos apelos da OMS e do CDC para permitir que seus especialistas entrassem no país para ver o que estava acontecendo por si próprios o mais breve possível. Essa missão, liderada por Bruce Aylward no início de fevereiro, foi importante. O relatório do final de fevereiro emitido em sua esteira foi especificamente uma publicação conjunta da OMS-China e forneceu informações básicas sobre a doença e lições aprendidas com a resposta da China (NY TIMES, 2020).

A tabela abaixo da figura 1 retrata às regiões com casos e óbitos, e as regiões sem casos e óbitos confirmados até o dia 31 de janeiro. De acordo com a relação, além da China, mais 19 países apresentavam ocorrências da doença 2019-nCoV, com maior índice no Pacífico Ocidental, entre eles Japão, Coreia do Sul, Singapura e Austrália, com média de 11 casos cada. A China já apresentava 9720 casos, e todos os óbitos “global” apresentados na tabela, correspondem ao país (WHO, 2020). A OMS coleta informações sobre doenças através dos seus escritórios regionais que, após processarem os dados, em seguida enviam para a Sede da organização, onde são consolidados. Os Estados membros da OMS estão agrupados em seis regiões. Cada região possui um escritório regional. O mapa a seguir indica o espaço territorial que cada região compreende.

Figura 1 – Regiões da OMS



Fonte: World Health Organization (2014).

Tabela 1 – Situação em números até 31/01

Região	Total casos	Total óbitos
Global	9826	213
África	0	0
Américas	9	0
Mediterrâneo Oriental	4	0
Europa	14	0
Sudeste da Ásia	17	0
Pacífico Ocidental	9.782	213

Fonte: World Health Organization (2020).

A tabela a seguir exterioriza os números do último dia do mês de fevereiro, onde a região do Pacífico Ocidental teve um crescimento superior a 8 vezes em relação ao final do mês de janeiro, conforme a World Health Organization (2020), só a China contabilizava mais de 79mil casos. A Europa saltou de 14 para mais de 1000 casos, sendo que 888 diagnósticos eram da Itália, dados que confirmam o país ter sido o primeiro ponto de foco, salvo a China. A relação também inclui os dados referentes ao transporte internacional Diamond Princess.

Tabela 2 – Situação em números até 29/02

Região	Total casos	Total óbitos
Global	85 403	2.924
África	2	0
Américas	79	0
Mediterrâneo Oriental	510	34
Europa	1.119	23
Sudeste da Ásia	47	0
Pacífico Ocidental	82.941	2.861
(Diamond Princess)	705	6

Fonte: World Health Organization (2020).

Em contraste à relação do dia 31/01, a tabela abaixo traduz a rápida disseminação da Covid-19, onde no final de janeiro, 20 países tinham registrado casos de Covid-19. Em apenas dois meses o vírus já havia sido reportado por pelo menos 182 países.

Tabela 3 – Situação em números até 31/03

Região	Total casos	Total óbitos
Global	750.890	36.405
África	3.786	77
Américas	163.014	2.836
Mediterrâneo Oriental	50.349	2.954
Europa	423.946	26.694
Sudeste da Ásia	4.215	166
Pacífico Ocidental	104.868	3.671
(Diamond Princess)	712	7

Fonte: World Health Organization (2020).

A tabela do final do mês de abril evidencia a Europa pontando tanto o número de casos quanto o número de óbitos.

Tabela 4 – Situação em números até 30/04

Região	Total casos	Total óbitos
Global	3.090.445	217.769
África	24.713	938
Américas	1.246.190	65.228
Mediterrâneo Oriental	182.417	7.447
Europa	1.434.649	135.961
Sudeste da Ásia	54.021	2.088
Pacífico Ocidental	147.743	6.094
(Diamond Princess)	712	13

Fonte: World Health Organization (2020).

Os números abaixo trazem as Américas ultrapassando a Europa no número de casos, só os Estados Unidos possuíam acima da metade dos casos reportados nas Américas, mais de 1,7 milhão de diagnósticos positivos (WHO, 2020).

Tabela 5 – Situação em números até 31/05

Região	Total casos	Total óbitos
Global	5.934.936	367.166
África	100.610	2.554
Américas	2.743.793	157.702
Mediterrâneo Oriental	505.001	12.353
Europa	2.142.547	180.085
Sudeste da Ásia	260.579	7.431
Pacífico Ocidental	181.665	7.028
Outros	741	13

Fonte: World Health Organization (2020).

Os novos casos de Covid-19 nas Américas eram maiores do que qualquer outra região. Dois países – EUA e Brasil já haviam superado 1 milhão de diagnósticos positivos e outros quatro – Peru, Chile, México e Canadá tinham passado os 100.000 casos (WHO, 2020).

Tabela 6 – Situação em números até 30/06

Região	Total casos	Total óbitos
Global	10.185.374	503.862
África	297.290	6.010
Américas	5.136.705	247.129
Mediterrâneo Oriental	1.058.055	24.423
Europa	2.692.086	197.254
Sudeste da Ásia	784.931	21.593
Pacífico Ocidental	215.566	7.440
Outros	741	13

Fonte: World Health Organization (2020).

Por meio da tabela do dia 31/07, os números são exteriorizados, apontando que o continente das Américas tem apresentado uma crescente constante de novos diagnosticados pelo novo coronavírus, justo ao fato de Estados Unidos e Brasil ocuparem primeiro e segundo lugar respectivamente no ranking de países com o maior número de casos no mundo, bem como,

o maior número de mortes (WHO, 2020). As Américas possuem mais casos reportados do que a soma total conjunta das outras cinco áreas territoriais.

Tabela 7 – Situação em números até 31/07

Região	Total casos	Total óbitos
Global	17.106.007	668.910
África	770.421	13.234
Américas	9.152.173	351.121
Mediterrâneo Oriental	1.533.357	39.661
Europa	3.333.300	212.520
Sudeste da Ásia	2.009.963	44.031
Pacífico Ocidental	306.052	8.330
Outros	741	13

Fonte: World Health Organization.

A tabela de situação 31/08, traz o sudeste da Ásia, com mais de 4 milhões de casos reportados, com a Índia ultrapassando 3,5 milhões de casos, e o segundo país com o maior número de infectados da região é o Bangladesh, reportando pouco mais de 308 mil casos (WHO, 2020).

Tabela 8 – Situação em números até 31/08

Região	Total casos	Total óbitos
Global	24.854.140	838.924
África	1.044.513	21.722
Américas	13.138.912	461.754
Mediterrâneo Oriental	1.903.547	50.466
Europa	4.205.708	219.131
Sudeste da Ásia	4.073.148	75.276
Pacífico Ocidental	487.571	10.562
Outros	741	13

Fonte: World Health Organization (2020).

A tabela de situação do final do mês de setembro, apresenta a região das Américas com um aumento de mais de três milhões de casos em relação ao mês anterior. Essa informação revela que, diferente de países da Europa, que começam a enfrentar uma segunda onda, países das Américas, tal com os EUA, nem chegaram a sair da primeira onda, e seguem em uma alta constante no número de casos reportados.

Tabela 9 – Situação em números até 27/09

(continua)

Região	Total casos	Total óbitos
Global	32.730.945	991.224
África	1.172.342	25.481
Américas	16.233.110	546.864

(conclusão)

Mediterrâneo Oriental	2.340.215	60.345
Europa	5.662.875	234.681
Sudeste da Ásia	6.720.771	110.711
Pacífico Ocidental	600.891	13.129
Outros	741	13

Fonte: World Health Organization (2020).

4.2 RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS E INTERNACIONAIS NO CONTEXTO DA COVID-19

O correspondente diplomático da BBC, Jonathan Marcus, em publicação no final de fevereiro, alertava sobre o potencial impacto que a crise do coronavírus poderia causar nas relações diplomáticas internacionais, principalmente envolvendo a China, onde uma estigmatização por parte de muitos países já era presente contra o país asiático. Segundo Marcus, relações como a da China e Estados Unidos que já possuíam uma crise causada pela acirrada disputa comercial, teriam lastro para intensificar a tensão com a pandemia em curso. De fato, em uma nova publicação da BBC no dia 24 de março, Jonathan evidenciou que claramente não era um bom momento para o mundo e menos ainda para as conexões entre a China e os EUA. O presidente Donald Trump escolheu repetidamente chamar o coronavírus de "vírus chinês". Seu Secretário de Estado Mike Pompeo o chama de "vírus Wuhan", algo que causou enorme ofensa em Pequim (BBC, 2020).

O presidente e o secretário de Estado denunciaram a China por suas falhas no tratamento inicial do surto. Mas de acordo com a BBC (2020), os porta-vozes chineses rejeitaram totalmente qualquer ideia de que eles foram menos do que transparentes sobre o que estava acontecendo. Enquanto isso, a mídia social na China espalhou histórias de que a pandemia foi causada por um programa militar de guerra bacteriológica dos Estados Unidos; rumores que ganharam força considerável. Os cientistas demonstraram que a estrutura do vírus é de origem totalmente natural. Como anteriormente mencionado, a pandemia atingiu um momento em que as relações EUA-China já estavam em declínio. Um acordo comercial parcial, mal havia aspergido sobre as tensões comerciais entre os dois países. Ainda conforme a BBC (2020), tanto a China quanto os EUA já estavam se rearmando, preparando-se abertamente para um potencial conflito futuro Ásia-Pacífico.

No dia 18 de maio, O presidente norte-americano, Donald Trump, publicou em sua conta no Twitter uma carta aberta ao Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. Conforme escrito na carta, Tedros e a "organização d'Ele" deram repetidos passos errados na resposta à pandemia e esses foram extremamente caros para o mundo, ressaltou ainda que a única maneira de a OMS avançar é se ela pudesse demonstrar independência da China. O presidente ainda acrescentou que os EUA reconsiderariam a associação, a menos que melhorias substanciais fossem feitas dentro de 30 dias (TRUMP, 2020). Em abril, Trump já havia declarado à ABC (2020) que estava instruindo seu governo a suspender o financiamento da organização. O mandatário disse que a OMS "falhou em seu dever básico", promoveu a "desinformação" chinesa sobre o vírus e "deve ser responsabilizada".

Na sua publicação no Twitter do dia 18 de maio, o comandante americano em particular atacou a posição da OMS em relação à China e listou uma série de alegações de que a organização negligenciou os sinais de alerta. O presidente também acusou a OMS de ignorar relatórios confiáveis sobre a propagação do vírus em Wuhan no início de dezembro de 2019 ou até antes. Ele ainda criticou especificamente a OMS por "jogo político" por elogiar as rígidas restrições de viagens domésticas da China, ao mesmo tempo em que era inexplicavelmente contra o seu fechamento da fronteira dos Estados Unidos. Trump continuou destacando a

reafirmação da OMS de "a alegação agora desmentida da China de que o coronavírus não poderia ser transmitido entre humanos" (TRUMP, 2020).

O termo "Guerra Fria" já havia sido informalmente discutido pela mídia internacional devido à instável relação entre o país norte-americano e o país asiático, mas em 24 de maio foi usado pela primeira vez publicamente pelo ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, no Congresso Nacional do Povo em Pequim. Ele estava reagindo às acusações de Washington de que a China era responsável pela disseminação global da pandemia do coronavírus. O ministro disse que as relações entre a China e os EUA corriam o risco de se deteriorar a ponto de uma "nova Guerra Fria" se tornar uma realidade (DW, 2020; THE WASHINGTON POST, 2020).

Dias antes, o secretário de Estado Mike Pompeo criticou a forma como a China estava lidando com o surto de coronavírus em uma coletiva de imprensa em 20 de maio e os nomeou como um "regime autoritário e brutal". Na semana anterior o conselheiro comercial da Casa Branca, Peter Navarro, afirmou em entrevista à ABC News que a China havia "enviado centenas de milhares" de pessoas infectadas com o vírus em aviões para "espalhar" o vírus em todo o mundo (...) "Eles poderiam ter mantido em Wuhan, mas em vez disso, tornou-se uma pandemia". Para finalizar a "rodada" de críticas à China, em entrevista para o programa "Meet the Press" da NBC, o conselheiro de segurança nacional americano, Robert C. O'Brien criticou a China com a seguinte frase: "O acobertamento que eles fizeram do vírus vai ficar para a história junto com Chernobyl" (THE WASHINGTON POST, 2020).

As tensões de longa data entre as administrações do presidente dos EUA Donald Trump e do presidente chinês Xi Jinping estremeceram nas últimas semanas do mês de maio por causa da pandemia do coronavírus e da recente proposta da China de impor uma nova legislação de segurança em Hong Kong, que Wang disse que deveria ser imposta "sem a menor demora". O ministro da China concluiu sua declaração no congresso afirmando que além da devastação causada pelo novo coronavírus, também havia um vírus político se espalhando pelos EUA, e esse vírus político era o uso de todas as oportunidades para "atacar" e difamar a China. Ele acrescentou que alguns políticos ignoram completamente os fatos básicos e inventaram muitas mentiras contra a China e planejaram muitas conspirações (DW, 2020).

Depois de mais de um mês da ameaça de Trump retirar os EUA da OMS, o presidente moveu-se formalmente para fazê-lo no dia 7 de julho. Apesar dos apelos da UE e de outros países, ele disse que sairia da agência da ONU e redirecionaria os fundos para outro lugar. O mandatário notificou a ONU e o Congresso de suas intenções, embora o processo possa levar pelo menos um ano. O porta-voz do secretário-geral da ONU, Stéphane Dujarric, confirmou que os Estados Unidos o notificaram de sua retirada, a partir de 6 de julho de 2021. Um alto funcionário do governo americano disse à CBS News que Washington detalhou as reformas que queria que a OMS fizesse e se envolveu diretamente com elas, mas que a OMS se recusou a agir. Os EUA são o maior contribuinte individual da agência global de saúde, fornecendo mais de US \$ 400 milhões em 2019, cerca de 15% de seu orçamento total (BBC, 2020).

No dia 21 de julho, o departamento de justiça americano, acusou a China de patrocinar hackers que também tiveram como alvo laboratórios que desenvolvem vacinas contra a Covid-19. O procurador-geral americano para segurança nacional, John Demers, declarou "A China agora assumiu o seu lugar, ao lado da Rússia, Irã e Coreia do Norte, naquele vergonhoso clube de nações que fornecem um porto seguro para *ciber*criminosos em troca de esses criminosos estarem 'de prontidão' para trabalhar em benefício do estado, aqui para alimentar a fome insaciável do Partido Comunista Chinês pela propriedade intelectual arduamente conquistada de empresas americanas e não chinesas, incluindo a pesquisa da Covid-19 ". A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Hua Chunying, considerou "absurda" a ideia de que o país está realizando ataques cibernéticos para roubar pesquisas da Covid-19 dos EUA (BBC, 2020).

No dia seguinte, os Estados Unidos ordenaram que a China fechasse seu consulado em Houston até sexta-feira, 24 de julho. Segundo o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, a decisão foi tomada porque a China estava "roubando" propriedade intelectual. Pequim imediatamente prometeu retaliar pela "escalada sem precedentes" (THE TEXAS TRIBUNE, 2020). Em represália prevista, ainda no dia 24 de julho, a China ordenou que os EUA fechassem seu consulado em Chengdu em 72h. A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Hua Chunying, logo após o anúncio, tuitou "Esta é uma resposta legítima e necessária ao movimento provocativo unilateral dos EUA para exigir o fechamento do Consulado Geral da China em Houston" (NPR, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os efeitos que uma pandemia da gravidade da Covid-19 ocasiona, desde a disseminação fora de controle, até como os Estados se comportam em meio a todo o enredo englobado, implicando omissões para autoproteção e atos diplomáticos para autopromoção. O novo coronavírus é um teste para mais e melhor diplomacia, a fim de que haja melhorias gerais (SHARP, 2009).

Há pouco mais de uma década, os líderes do G-20 se reuniram em Londres, junto com chefes de organismos internacionais, para impedir que uma crise financeira que se agravava se transformasse em uma depressão global. Agora, diante do que Kristalina Georgieva, diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), descreve como uma crise "muito pior" do que a de 2008, essas mesmas instituições vacilaram. E, em vez de elaborar um novo plano mundial, as duas potências globais mais adequadas para liderar uma resposta, os EUA e a China, atacaram uma à outra lateralmente (NIKKEI ASIAN REVIEW, 2020).

Em um nível, essa resposta insuficiente é fácil de entender: os líderes nos EUA e na China, em comum com quase todas as outras grandes economias globais, estavam preocupados exclusivamente com o gerenciamento de crises. À medida que o número global de mortos aumentava para centenas de milhares, os líderes individuais estavam se esforçando para introduzir bloqueios, proteger serviços de saúde sobrecarregados, desenvolver vacinas etc.

As indisposições EUA-China acabaram impelindo graves consequências a um terceiro: a OMS - que teve os fundos providos dos EUA congelados sob o argumento de que a instituição era "chinacêntrica". De acordo com Mearsheimer (1994), os restritos poderes de aplicação da OMS sempre foram sua maior fraqueza, especialmente em relação a Estados poderosos. Nesse sentido, os poderes da OMS são bastante limitados, o que ajuda a explicar por que a OMS e seu atual diretor executivo, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, pareceram tão solícitos com os chineses nos estágios iniciais do surto de Covid-19. Embora não seja para absolver a OMS ou sua liderança de excessiva deferência para com a China, é importante lembrar que ela não possui capacidade de coagir os estados a fornecer informações sobre surtos.

No entanto, esta condescendência com os chineses, de fato fez com que a OMS por vezes entrasse em contradição e em conflito com seu maior concesso de fundos. Ao mesmo tempo que elogiava as rígidas restrições de viagens domésticas da China, era inexplicavelmente contra o fechamento da fronteira dos Estados Unidos.

Os EUA, assolados pelo alto índice de casos e óbitos, claramente não tiveram ambição por liderança no combate ao coronavírus. Como o New York Times (2020) observou, "Esta é talvez a primeira crise global em mais de um século em que ninguém está olhando para a liderança dos Estados Unidos." Este "vácuo" deixado pelos americanos, começou a ser explorado pelos chineses a partir de março quando o país zerava novos casos. No lugar de medidas coordenadas, a diplomacia recente do coronavírus se misturou com frequência de agressões passivas com competição por recursos.

O que isso significa para a cooperação global é incerto. Com relação à decisão de

Trump de exclusão dos EUA junto a OMS, qualquer interrupção pode impedir o apoio operacional da OMS aos países em desenvolvimento, não apenas para Covid-19, mas também para outros programas para os quais os Estados Unidos contribuam, como o esforço de erradicação da poliomielite (UN DISPATCH, 2020). O dinheiro não é a única área em que a liderança é necessária. A coordenação de políticas de estímulo fiscal é necessária. Mecanismos para garantir o acesso dos países em desenvolvimento a suprimentos médicos e farmacêuticos são urgentemente necessários. Do mesmo modo, são necessárias regras para diminuir a competição por suprimentos médicos.

Nesse contexto, é útil desvendar por que os países não coordenaram suas políticas melhor do que o fizeram. Embora a crescente competição geoestratégica entre os EUA e a China (e diferentes sistemas políticos) crie barreiras à cooperação, elas não parecem ser intransponíveis. A diplomacia desempenhada no ano de 2020 tem se mostrado muitas vezes insuficiente para lidar com questões como uma pandemia e os conflitos por ela ocasionados. Conforme os países aprenderam com a experiência pandêmica, só o tempo dirá se foi colocada atenção suficiente para se preparar para uma diplomacia melhor no futuro. Além disso, como parte da sociedade internacional, a diplomacia apresenta-se como um meio de comunicação que se baseia em valores de boa vontade, solidariedade e humanidade, especialmente para encontrar o entendimento mútuo no contexto multilateral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vítor Hugo de Araújo. Plácido de Castro e Rio Branco: a guerra irregular e a diplomacia na definição da fronteira norte do Brasil. **História Militar-Unisul Virtual**, 2010.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. O mundo globalizado. Política, Sociedade e Economia. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 3ª. **Lisboa: Edições**, v. 70, p. 223, 2004.
- BEIJING says US is pushing China to 'brink of a new Cold War'. DW, 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/en/beijing-says-us-is-pushing-china-to-brink-of-a-new-cold-war/a-53550524>. Acesso em: 23 ago 2020.
- BERG, Bruce L. Methods for the social sciences. Qualitative Research Methods for the Social Sciences. Boston: Pearson Education, 2004.
- BURNS, E. Bradford. A Aliança não escrita: o Barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro: EMC, 2003.
- CARDOSO, José Luís. A abertura dos portos do Brasil em 1808: dos factos à doutrina. **Ler História**, n. 54, p. 9-31, 2008.
- C.D.C. and W.H.O. Offers to Help China Have Been Ignored for Weeks. The New York Times, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/02/07/health/cdc-coronavirus-china.html>. Acesso em: 20 set 2020.
- CHINA Orders U.S. To Close Its Consulate In Chengdu. NPR, 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2020/07/24/894960595/china-orders-u-s-to-close-its-consulate-in-chengdu>. Acesso em: 31 ago 2020.

CHINESE foreign minister warns U.S. against taking the countries ‘to the brink of a new Cold War’. The Washington Post, 2020. Disponível em:

https://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/china-tells-us-to-stop-taking-them-to-the-brink-of-a-new-cold-war/2020/05/24/4eda6ffc-9da9-11ea-9d96-c3f7c755fd6e_story.html.

Acesso em: 23 ago 2020.

CORONAVIRUS: Trump moves to pull US out of World Health Organization. BBC, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53327906>. Acesso em: 23 ago 2020.

DONALD Trump's move means the WHO just lost its biggest financial backer. Here's what it could do to the fight against coronavirus. ABC, 2020. Disponível em:

<https://www.abc.net.au/news/2020-04-15/donald-trump-cutting-funding-to-who-explained/12149550>. Acesso em: 23 ago 2020.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. **Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas**: Um Ensaio sobre a Formação das Fronteiras do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

HOUSTON’S Chinese Consulate abruptly ordered to close by Trump administration. The Texas Tribune, 2020. Disponível em: <https://www.texastribune.org/2020/07/22/houston-chinese-consulate-close-donald-trump/>. Acesso em: 31 ago 2020.

HOW CORONAVIRUS exposed the collapse of global leadership. Nikkei Asia Review, 2020. Disponível em: https://asia.nikkei.com/Spotlight/The-Big-Story/How-coronavirus-exposed-the-collapse-of-global-leadership?fbclid=IwAR2PKEUUMRrEYpZlhXbYfcXA2WGhrT2mTIXCHcfpPl1grB_pJ6vYgnZDeps.

Acesso em: Acesso em: 20 set 2020.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. Introdução às Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais–3a edição revista e ampliada: Teorias e abordagens**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

KAMSARIS, Dimitrios. **Diplomacy: Globalization and International Relations**. BookRix, 2020.

KANTOR, Íris. Usos diplomáticos da ilha-Brasil polêmicas cartográficas e historiográficas. **Varia história**, v. 23, n. 37, p. 70-80, 2007.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy (A Touchstone Book)*. Nova York: Simon & Schuster, 1995.

KOVÁCS, G.; SPENS, K. M. Humanitarian logistics in disaster relief operations. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 37, n. 2, p. 99–114, 2007.

KRASNER, Stephen. *Power, the State, and Sovereignty: Essays on International Relations*. New York: Routledge, 2009.

KURBALIJA, Jovan (Ed.). **Modern diplomacy**. Mediterranean Academy of Diplomatic Studies, University of Malta, 1998.

MCKIBBIN, Warwick J.; FERNANDO, Roshen. The global macroeconomic impacts of COVID-19: Seven scenarios. 2020.

MEARSHEIMER, John J. The false promise of international institutions. **International security**, v. 19, n. 3, p. 5-49, 1994.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

OLIVEIRA JUNIOR, Ronaldo César de. A importância das Organizações Internacionais Governamentais nas relações internacionais. 2005. 56 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p. 13.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SATOW, Ernest Mason. **Satow's diplomatic practice**. Oxford University Press, USA, 2009.

‘SADNESS’ and Disbelief From a World Missing American Leadership. The New York Times, 2020. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2020/04/23/world/europe/coronavirus-american-exceptionalism.html?smid=tw-share>. Acesso em: 20 set 2020.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. Manual das organizações internacionais. Livraria do Advogado Editora, 2018.

SHARP, Paul. **Diplomatic theory of international relations**. Cambridge University Press, 2009.

TESINI, Brenda L. Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (covid-19, mers e sars). Manual MSD, 2020. Disponível em:

<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%AAdndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19,-mers-e-sars>. Acesso em: 13 maio 2020.

THE POTENTIAL diplomatic impact of the coronavirus crisis. BBC, 2020. Disponível em:

https://www.bbc.com/news/world-51577685?intlink_from_url=https://www.bbc.com/news/topics/cxw7qng7vx8t/china-us-relations&link_location=live-reporting-correspondent. Acesso em: 23 ago 2020.

THE TRUMP ADMINISTRATION’S Decision to Cut Ties With the World Health Organization Will Make the Coronavirus Pandemic Much Worse. UN Dispatch. Disponível em: <https://www.undispatch.com/the-trump-administrations-decision-to-freeze-funding-for-the-who-will-make-the-coronavirus-pandemic-much-worse/>. Acesso em: 22 set 2020.

THOMAS, Anisya S.; KOPCZAK, Laura Rock. From logistics to supply chain management: the path forward in the humanitarian sector. **Fritz Institute**, v. 15, p. 1-15, 2005.

TRUMP, J Donald. This is the letter sent to Dr. Tedros of the World Health Organization. It is self-explanatory! Twitter, 2020. Disponível em:

<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1262577580718395393>. Acesso em: 23 ago 2020.

US charges Chinese Covid-19 research 'cyber-spies'. BBC, 2020. Disponível em:

<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53493028>. Acesso em 31 ago 2020.

ZHU, Na et al. A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. New England Journal of Medicine, 2020.